

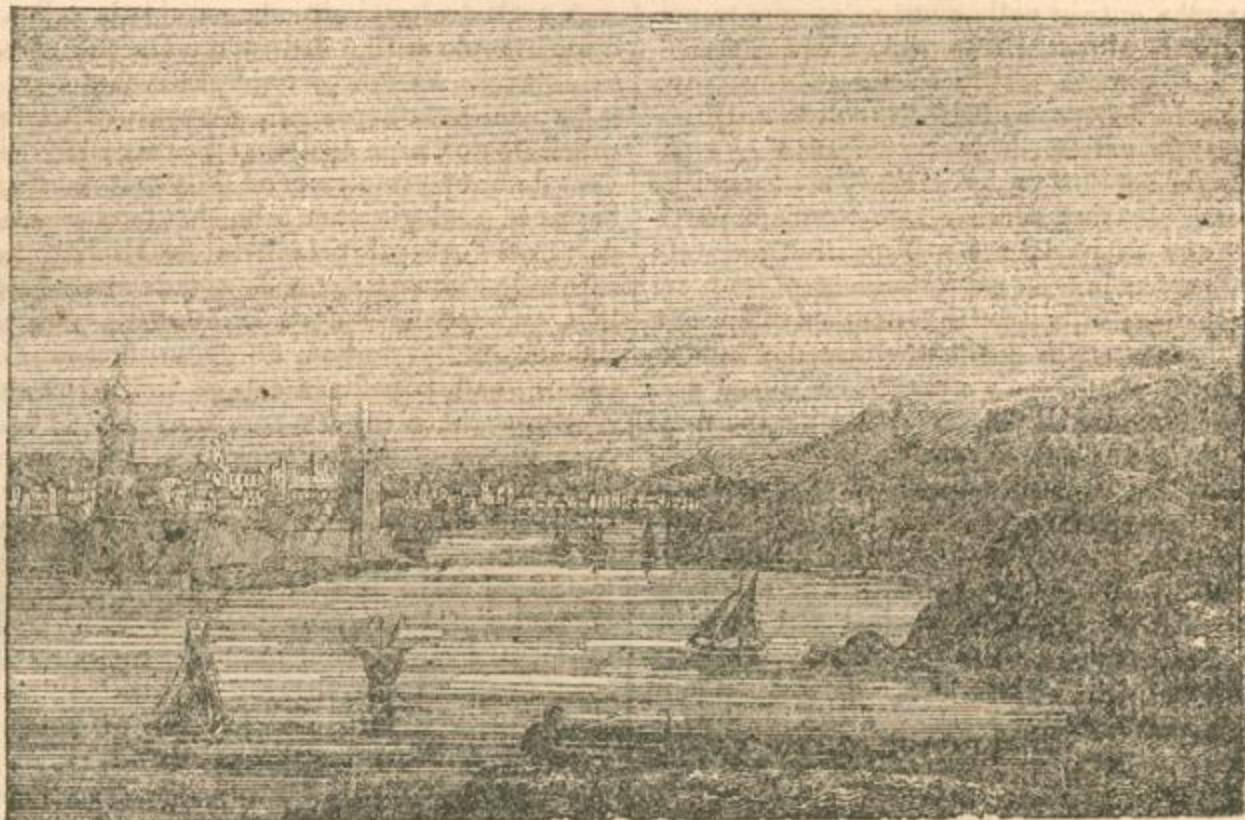
# O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

32. PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. DEZEMBRO 9, 1837.



VISTA DO PORTO DE MARSELHA.

## MARSELHA.

No formoso territorio da Provença, á borda do Mediterraneo, está situada a opulenta cidade de Marselha, fundada, 600 annos antes da era christã, por uma colonia de gregos da Phócida. Foi chamada em sua origem *Massilia*, e edificada no mesmo lugar, que occupa hoje. Os fundadores souberam logo aproveitar a situação, que se offerecia sobremaneira vantajosa ao negocio, e á navegação. Além destes misteres deram-se muito á pesca; cultivaram vinhas; e plantaram a oliveira nas Gallias antes que na Italia fosse conhecida. Tanto a sua posição, e o seu porto magestoso e vasto, como a infertilidade do torrão circumvisinho á cidade, contribuíram para que esta se fizesse com especialidade marítima, e commerciante. Debalde a accometteram os Carthaginezes, invejosos da sua prosperidade; Marselha floreceu no meio de longas guerras. Os seus concidadãos, Pytheas e Eutymene, lhe augmentaram a reputação com suas viagens. Já no terceiro seculo, antes de Jesu-Christo, era havida pela Athenas das Gallias, e como uma cidade modelo de sabedoria, e de boa administração. O seu governo era republicano, e composto de seiscentos senadores. Alliou-se com Roma, e debalde se oppoz á invasão de Annibal: seria anniquilada então se o valente general de Carthago tivesse conseguido debellar os romanos. Mais tarde, abraçou o partido de Pompeu contra Cesar; e experimentou a severidade do vencedor, como sabem todos os que conhecem os *Commentarios* daquelle insigne capitão. Despojada do poder, e arrazadas as suas fortificações, perdeu a influencia politica nas Gallias, mas por outro lado conseguiu estabelecer uma republica commer-

ciante, e independente, sob a protecção romana. Assim foi gradualmente prosperando. Em 752 os sarracenos a destruíram quasi completamente; e os seus monumentos antigos desapareceram; mas pouco a pouco se restabeleceram das perdas.

Na epocha turbulenta das cruzadas os marselhezes tomaram uma parte activa na geral agitação, porém esta de natureza mais commercial que bellicosa; e as guerras religiosas lhes alcançaram grandes vantagens mercantis. Em Marselha se proviam os guerreiros de transportes, munições, e armas; e foi tal o fabrico de piques, e lanças, e tantas eram as officinas desta manufactura, que hoje em dia uma rua mui extensa da cidade ainda conserva o nome de *rue de la lancerie*. Já neste tempo era dominada por viscondes, e senhores particulares, até que em 1481 passou do poder do ultimo conde da Provença para o de Luiz Undecimo, que reuniu a cidade e seu territorio á corôa de França.

No 16.<sup>o</sup> seculo o povo marselhez foi partidista fervoroso da Liga, e ainda depois de se render Paris a Henrique IV continuou na mesma causa até que um soldado corso, ou genovez, vendeu a cidade ao exercito real. A final Luiz XIV lhe supprimiu os privilegios, e franquias, que sempre conservara.

Não ha cidade na Europa, onde a peste em diferentes epochas fizesse tantos estragos como em Marselha: porém a invasão deste flagello, a mais memoravel, e espantosa, foi em 1720: trouxe-a um navio vindo do Levante. D'horriveis scenas foi então o theatro; e em seus annaes, e tradição respeitosa, conserva o nome do seu Bispo, Mr. de Belzunce, que se illustrou por seu zelo, e caridade. E' inexplicavel o fervor e desvelo deste venerando prelado em visitar



os moribundos, e os enfermos, e em consola-los; atravessava as ruas em meio de cadáveres; os empestados mais horrendos eram os que primeiro soccorria. Vendeu todos os seus bens e alfaías, deu todo o seu dinheiro para acudir aos necessitados; e no foco da geral consternação seu animo nunca abateu. Desde então tem Marselha experimentado outros insultos da peste, mas sem comparação menos violentos, e atalhados breve com prudentes precauções.

Quando a revolução espantosa do seculo passado rebentou, Marselha entrou nella quasi ao mesmo tempo em que a capital. Durante o imperio o seu commercio decaiu; e só com a restauração recobrou o seu pristino esplendor. O povo odiava Napoleão e seu governo; e quando em 25 de junho de 1815 se espalhou o boato da batalha de Waterloo, a insurreição foi geral e sanguinaria; concorreram tambem partidas de gente dos campos, e a matança foi horrivel; todos os que pertenciam ao exercito succubiram aos golpes das espadas, e baionetas; nem os officiaes a meio soldo, nem os restos dos mamelucos das campanhas do Egypto, escaparam; a carniceria durou noite e dia, e na manhã de 26. E' esta a pagina mais melancolica da historia de Marselha.

Esta cidade tem a fórma d'uma ferradura, cujo vão figura o porto; este é dos mais bellos, e seguros do Mediterraneo: é quasi formado pela natureza, que abriu uma vasta caldeira de 500 toezas de profundidade, de fórma oval, capaz de recolher mil e duzentos navios: fecham-lhe a entrada dois rochedos, onde estão assentadas duas fortalezas, que a defendem, ainda que bastante damnificadas, e servem actualmente de quartéis á guarnição. Distantes uma legua do porto ha tres ilhotas, ou rochedos; parece que de proposito alli collocados pela Providencia, para locaes destinados ás precauções sanitarias. A primeira, e mais pequena, é a ilha do Teixo [l'île de l'If], rodeada de penedias altas, e escarpadas, mais de 50 pés acima da superficie do mar; e com uma fortaleza, que passa por ser uma das melhores do Mediterraneo: foi construida por Francisco 1.<sup>o</sup>, em 1529: era d'antes um lugar todo coberto de teixos. O castello de l'If teve nome entre as antigas prisões d'estado; e serviu de reclusão a varios prisioneiros illustres; eitam por ultimo o celebre conde de Mirabeau.

Pela parte de cima de Marselha campêa sobre o mar um grande cabeço, onde está o templo de *Notre Dame de la Garde*, que se avista de longe, e é mui frequentado pelos marinheiros: hoje é este cêrro muito escalvado, mas na antiguidade foi muito selvoso, porque alli começava o famoso bosque, do qual nos deixou Lucano a pomposa descripção, que anda traduzida nas rimas de Bocage. Era uma selva consagrada aos numes da idolatria; hoje é sitio destinado ao culto da Mãe do Redemptor.

Marselha, cidade de tão remota fundação, quasi nada conserva de suas antigualhas: os incendios, os cercos, e outras devastações, nivelaram o chão, que asoberbavam sumptuosos edificios. Mas esta fatalidade, que perseguiu os antigos monumentos, respeitou todavia um, notavel por sua vastidão, e formosa fabrica. Como d'antes estava no recinto d'um convento de freiras era inacessivel aos curiosos: mas agora que os acontecimentos civis o poseram patente, por destino incomprehensivel jaz no esquecimento da maioria dos viajantes, e até dos proprios visinhos. Chamaram-lhe os escriptores antigos as *Cavernas de S. Salvador*, por estar nos subterraneos da abbadia deste nome: consistem em sete sallas, todas iguaes e parallelas, cercadas de tres lados por uma galeria estreita, e menos elevada. Por sua disposição parece que servira de quartel ás tropas romanas. Outros mo-

numentos d'epoca muito posterior acham-se quasi inteiramente consumidos.

Esta cidade reparte-se em duas partes mui distinctas; a velha, e a nova. A cidade velha é feia, suja, e triste, com ruas estreitas, e em torcicolos: porém a outra tem ruas largas e bem cruzadas, esbeltos edificios, praças espaçosas, e agradaveis passeios. A casa da camara, onde é tambem a praça de commercio, ou *bourse*, e o palacio da prefeitura, são vastos, e elegantes.

A cathedral está situada na cidade velha, no local d'um templo antigo dedicado a Diana: não tem cousa notavel. As funcções religiosas fazem-se em Marselha com toda a pompa, e apparatus, sobre tudo a procissão do Corpo de Deus. Por occasião desta observam de tempo immemorial uma costumeira, que tem bastante analogia com o boi bento d'algumas terras do nosso Portugal pela festa do Espirito-Santo. Os carnicheiros e cortadores da cidade são, de paes a filhos, os executores desta cerimonia, para a qual escolhem um boi de bom tamanho, douram-lhe os chavelhos, enfeitam-lhe a cabeça com festões de flores, e cobrem-lhe o costado com uma rica alcatifa, e em cima vai montado um rapaz vestido de levita, todo adornado de fitas, e grinaldas. Acompanham-o quatro carnicheiros vestidos com opas de damasco de varias cores, cingidas pela cintura, e que só dão pelo joelho; o cinto de seda com franja d'ouro, a camisa cheia de laços de fitas, chapéu armado á antiga, agalado d'ouro, com plumas, meias de seda brancas, e çapatos afivellados. Na semana, que precede á do Corpo de Deus, corre este cortejo as ruas, seguido de tamborinhos, fazendo peditorio de porta em porta, e o producto é applicado ás despezas. No dia da solemnidade, o boi e a sua comitiva vão no centro da procissão, com as bandeiras, ou corporações dos officios. Tem-se dissertado muito ácerca desta cerimonia: alguns historiadores pensaram que o boi representava o costume dos primitivos marselhezes, que votavam á morte um desgraçado, como o bode emissario dos judeus, onerado com todas as iniquidades do povo. Mas esta opinião foi contestada. Em todas as medalhas de Marselha figura um touro; e os habitantes o immolavam a Diana. Provavel é que o boi da função actual seja imitação tradicional dos antigos sacrificios, que o povo por habito conservou. Ignora-se o motivo porque esta costumeira se celebra no dia solemne do Corpo de Deus, e não em outra qualquer festa do anno. Bastará notar que o traje dos carnicheiros, neste dia, semelha muito á vestimenta dos sacrificadores, que traziam toga curta; e a victima tambem era enfeitada com grinaldas, e fitas, e levava os cornos dourados; e a carne em cru se distribuia ao povo, como se practicava em Marselha antes da revolução.

Resta-nos fallar succintamente do commercio desta cidade, uma das principaes de França. O movimento marítimo mercantil tem ido, nestes ultimos annos, em grandissimo augmento, que tem crecido com a conquista de Argel, a qual abriu a porta a muitas e importantes empresas, e especulações novas e lucrativas, já individuaes, já collectivas. A situação do porto de Marselha é unica, respectivamente ás costas da Hespanha, da Italia, da Grecia, de Levante, e d'África; mas não se limitam só a estas regiões as suas relações commerciaes; estendem-se ao Mar-Negro, ao Baltico, á Graã-Bretanha; e seus navios mandados ás Indias orientaes, as suas communições com os Estados-Unidos, e as Antilhas, e com a America do sul, sobejo provam quão dilatadas escalas segue o seu commercio. Bem se deixa ver que uma praça de tão activo trafico, e navegação,



forçosamente ha-dé ser opulenta, além do que, tem fabricas de varias manufacturas.

Marselha é cabeça do Departamento *des Bouches-du-Rhône*, e dam-lhe 145:000 habitantes. Nos seus arredores sente-se muitas vezes o *mistral*, vento furioso do noroeste, que arranca as arvores mais grossas pela raiz, sécca toda a verdura, e commette os insultos do inverno no meio da primavera. Este vento, e as alluviões do Durance, motivaram o risão antigo: *trois fléaux en Provence, le parlement, le mistral, et la Durance*: tres flagellos soffre a Provença, o parlamento, o vento mistral, e o rio Durance. Todavia estes dois ultimos, ainda assim, teem suas vantagens: as inundações do rio fertilizam as campinas, que alagam, e o mistral purifica o ar, que poderiam corromper os grandes calores, e os vapores fetidos do porto de Marselha. Os antigos moradores tributavam áquelle vento grande respeito; e Seneca diz que lhe eram devidores da serenidade do ceu, que no restante do anno desfructam. Augusto, quando esteve nas Gallias, levantou um templo ao mistral. Nota-se como raridade que em 1769 e 1770 o temporal durou quatorze mezes a fio.

#### CALCULO CURIOSO SOBRE A AGRICULTURA, E POPULAÇÃO DE PORTUGAL.

COMPUTANDO a superficie de Portugal, feitos os devidos descontos, em 2470 leguas quadradas, de 18 ao grau, em área terrestre, e dando metade della para penhascos e cabeços escavados, rios e ribeiras, lagoas, estradas, matas, e maninhos de pastagem incapazes de cultura, ficam 1235 leguas quadradas proprias para a lavoura. Tirando deste numero os dois quintos, como terras menos productivas em pão, para prados, e verdes, vinhas, hortas, pomares, &c., sobejam, como melhores para a cultura exclusiva de pão 741 leguas quadradas. Ora, mais d'um quarto da população de Portugal usa de milho grosso, que produz de 20 até 40 por semente: e a maior parte da gente de Traz-os-Montes, Beira, e d'outras provincias, sustenta-se tambem de centeio, que produz de ordinario 3 por um: portanto só o resto do reino precisa de trigo, cuja producção media é pelo menos 5 por um em terras escolhidas, segundo esta hypothese. Este calculo pelo miudo seria mais vantajoso; mas suppremos [o que ninguem negará] que o producto de toda a casta de pão, um por outro, não é menor de 7 por um. Portanto, contendo 741 leguas quadradas 14.731:821 geiras *academicas* de 40:000 palmos quadrados, e dando a cada uma destas geiras, uma por outra, 3 alqueires de semente, teremos de semente 44.195:463 alqueires, ou 736:591 moios, &c. Multiplicados estes por 6 de producção, descontadas as sementes, dão 4.419:546 moios e 18 alqueires. Sendo metade da povoação total mulheres, que consomem menos pão que os homens; e montando a mais do quarto da mesma os individuos até 10 annos, que ainda comem menos, poderá assignar-se para o sustento annual de cada pessoa 40 alqueires, quando muito. Assim os 4.419:546 moios, divididos por 40 alqueires, podem sustentar annualmente 6.629:319 pessoas. Logo, se o nosso terreno for aberto e cultivado, ainda com as imperfeições da lavoura actual, poderá Portugal ter e alimentar bem á vontade uma população de mais de 6 milhões e meio d'almas: e se a nossa agricultura, com o tempo, crescer em perfeição, e por consequencia em producção, segue-se que tambem crescerá o numero da gente. Com o augmento da agricultura, em todo o caso, crescerão os gados, e por isso a robustez do povo

pela comida de carnes; abundarão os estrumes para as terras; e, além de infinitas vantagens, terá o commercio e a industria largo quinhão nesta prosperidade, e assim florecerão os tres fecundos mananciaes da população. Corrobora estes calculos a provincia do Minho, que, apezar de muitas serranias incultas, e de bastantes maninhos, assevera-se que tem por legua quadrada usual acima de 3:700 almas: donde claro fica que, se o resto do reino for tão cultivado como esta pequena provincia, poderá vir a ter 9 milhões d'almas. — *Ext. da Mem. de J. B. d'Andrada.*

#### POÇOS ARTESIANOS.

##### 1.º

A DENOMINAÇÃO de *poços artesianos* deriva do *Artois*, uma das provincias em que a França se dividia antes dos departamentos: e os de que tractamos assim foram chamados, ou porque alli primeiro se abriram, ou por ser onde mais se generalisaram.

Estes poços, ou fontes artificiaes, fazem-se furando a terra por meio de uma machina chamada *verrumba terrestre* [*la sonde du fontanier* pelos francezes, *boring rods* pelos inglezes] até chegar a um lençol d'agua subterranea, cujos mananciaes estejam mais elevados do que o ponto onde se executa a operação. O esforço que faz a agua para obter o seu nivel respectivo a obriga a elevar-se acima da superficie do terreno; e por este modo se consegue abundante provisão daquelle necessario elemento em districtos, onde aliás se não alcançaria tão grande bem. Os romanos fizeram despezas, e trabalhos inauditos, para terem copia d'aguas; e os restos, que ainda existem, de seus aqueductos, são os mais nobres monumentos do seu talento emprehendedor. Porém as obras desta natureza não foram construidas sem grandes fadigas, e os gastos d'immenso capital: ao passo que a applicação dos principios das sciencias, hydraulica e geologica, ensinou nos tempos modernos um processo muito mais simples, e, sem comparação, economico.

E' facil de comprehender a causa, que obriga a agua dos poços furados, ou artesianos, a subir á superficie. — Se a chuva que cae, ou a neve que se derrete, em cordilheiras de montes, filtra por entre *estratos*, ou camadas, porosos, ou acha saída pelas aberturas ou fendas da pedra, situada entre camadas, quasi ou de todo impermeaveis á agua, vai correndo por debaixo do valle, e abre um canal subterraneo, cuja fórma suppoe-se ser a d'uma curva alongada. Portanto, se em alguma parte do valle, com o apparelho proprio, se furar o chão até esse canal, ou lençol d'agua, esta forçosamente esguichará, pelo impulso da lei hydraulica, a que alludimos, e desta maneira crear-se-ha uma fonte natural de jórro, ou repucho. A força com que a agua se eleva é regulada pela posição escolhida para a operação. Será maior no ponto situado no mais baixo nivel, e diminuirá quanto mais proximo for do manancial donde as aguas derivam, porque ali tanto menor é a curva que ellas descrevem. — Os pequenos repuchos, que se encontram cavando um poço ordinario, regulam-se pelas mesmas leis das fontes artesianas, mas não são sufficientemente copiosos, nem tem quéda bastante para que se elevem á superficie. — As correntes subterraneas, em geral, vem de mui longe, por isso brotam fontes de jórro em terrenos, onde só os conhecimentos geologicos podem suspeita-las; por isso quem pertender obte-las deve unicamente consultar os conhecedores, e practicos na materia, e cerrar os ouvidos aos preconceitos vulgares, que de ordinario se oppoem a tudo o que lhes é estranho, e com tanto



mais tenacidade quanto mais visos de utilidade tem o objecto proposto.

A vantagem principal dos poços artesianos é fornecerem aguas abundantes, perennes, saudaveis, e proprias para lavagens, para cosinha, e outros usos domesticos. A sua construcção é de ordinario mais economica do que a dos poços ordinarios; e as suas aguas de qualidade mui superior, além de não variarem de nivel, como os outros.

Portugal, que é cortado quasi inteiramente de montanhas, e cabeços, se em muitos districtos soffre a penuria d'aguas é pela falta dos poços artesianos, que na França, na Inglaterra, e em outros paizes da Europa, são de uso mui geral. Para não irmos mais longe, os arrabaldes, e contornos da nossa capital, bem experimentam esta falta, porque as aguas de ordinario são escaças, e, em bastantes partes, de mau sabor, e insalubres. Pelo que o nosso reino, que em materias de industria, de commercio, &c., parece que se vai em nossos dias regenerando, e saindo do torpor em que jazêra deixando adiantar tanto os outros com opprobrio seu, e desluzimento do engenho de seus naturaes, não deve desprezar a propagação dos poços ou fontes de que tractámos, á vista das muitas vantagens que lhe promete nesta empreza a natureza do seu terreno, e a esperanza de melhorar os sitios aridos.

Agora que o espirito de associação se tem consideravelmente diffundido entre nós, e que vamos presenciando prosperos exemplos, de que já recolhemos não pequeno fructo, assentámos que tambem a propagação, e construcção dos poços artesianos era digna e proficua tentativa d'uma companhia industrial. O comêço d'uma empreza desta natureza suppõe o empenho de capitaes em despezas prévias, e indispensaveis, taes como a compra das machinas, e aparelhos, a manutenção dos individuos practicos neste genero de trabalho, &c.; portanto parece-nos pesado encargo para as forças de um particular, que além disso não offereceria as seguranças d'um corpo collectivo, e nunca poderia dilatar as suas especulações por uma grande escala. Mas ao mesmo tempo a sociedade que se dedicasse a esta empreza podia contar com lucros positivos, affiançados pela utilidade do seu fim, e tanto maiores que o particular quanto era maior a latitude de suas especulações, pela accumulção de maiores fundos, abrangendo assim as precisões do paiz, e o proprio interesse da associação. Além do que a companhia pôde, pelos meios á sua disposição, baratear mais o custo da construcção dos poços do que um só individuo, o que não é pequena circumstancia para a concorrência dos proprietarios que delles carecerem: e daqui resultaria o que todos comprehendem, tanto mais obras tanto mais lucro para quem as emprehe. Ousámos portanto affirmar que não seria frustrada uma tentativa util aos proprietarios particulares, e aos povos em geral, e ao mesmo tempo fructuosa para os associados, que a commettessem. Os brilhantes resultados do commercio, e industria ingleza, são consequencias da organização, e augmento de numerosas companhias; e desde que o espirito de associação se desenvolveu tão efficaçmente entre aquella nação, ella tem obtido successos, que individualmente nunca se conseguiriam.

Voltaremos n'outra occasião a este assumpto, explicando um pouco mais largamente a theoria das fontes de jôrro, ou artesianas, apoiando-a com a relação d'algumas curiosidades naturaes.

#### ORIGEM DOS LIVREIROS NA EUROPA.

O COMMERCIO dos livros parece que se estabeleceu

em Bolonha e Paris no 12.<sup>o</sup> seculo: os legistas e as universidades foram quem lhe deu a existencia. E' muito pouco provavel que o houvesse na epocha a que propriamente damos o nome de seculos tenebrosos. Pedro de Blois falla de certo livro que comprara a um vendedor publico delles [*a quodam publico mangone librorum*]. Mas até o seculo seguinte, não ha noticia alguma clara de livreiros, que nós saibamos. Estes vendedores se chamavam *stationarii*; talvez derivando-se o nome dos balcões patentes, em que faziam o seu negocio; posto que *statio* seja palavra, que significa geralmente loja, na baixa latinidade. Colhe-se dos antigos estatutos das universidades de Paris e de Bolonha, que elles vendiam livros por commissão: e ás vezes os distinguem, posto que nem sempre, dos *librarii*, palavra que, significando a principio só os copistas de livros, foi depois applicada aos que commerciavam nelles. Vendiam os *stationarii* o pergaminho, e os outros materiaes necessarios para escrever, e exerciam as occupações de encadernadores e illuminadores [\*]. Provavelmente davam que fazer aos copistas: pelo menos achámos que haviam pessoas nas universidades e nas grandes cidades, cuja profissão era a de copista, e por meio das quaes, antes da invenção da imprensa, os livros de grammatica, leis, e theologia, grandemente se multiplicavam, como era necessario para o uso das escolas. — Estas copias, porém, eram muito mais incorrectas, e de maior custo, do que depois da invenção da typographia. Tal invento poz subitamente termo a esta liberal occupação. Mas, fosse qual fosse o odio que mostravam os copistas contra a nova arte, baldaram-se-lhes todos os esforços, que fizeram para embarçar a sua introducção; porque não era possivel crear no publico uma parcialidade contra um beneficio tão manifesto e incontestavel. Os copistas, habituados a lidar com livros, começaram então a dar-se ao officio de impressores, trabalho que tinha grande analogia com aquelle a que eram usados. Os primeiros typographos eram sempre livreiros, e vendiam as proprias edições; nem as duas occupações foram separadas, senão nos começos do seculo 16.<sup>o</sup> Os riscos da venda, naquella epocha, em que o saber estava bem longe de ser vulgar, combinados com o grande custo das obras [pela grande carestia do papel, e dos outros materiaes necessarios para a impressão] tornavam complicado e difficilimo o commercio dos livros naquelles primeiros tempos. — *Hallam. — Litteratura da Europa.*

#### BOSQUES, PRADOS E PASTAGENS NO CONTINENTE DA EUROPA.

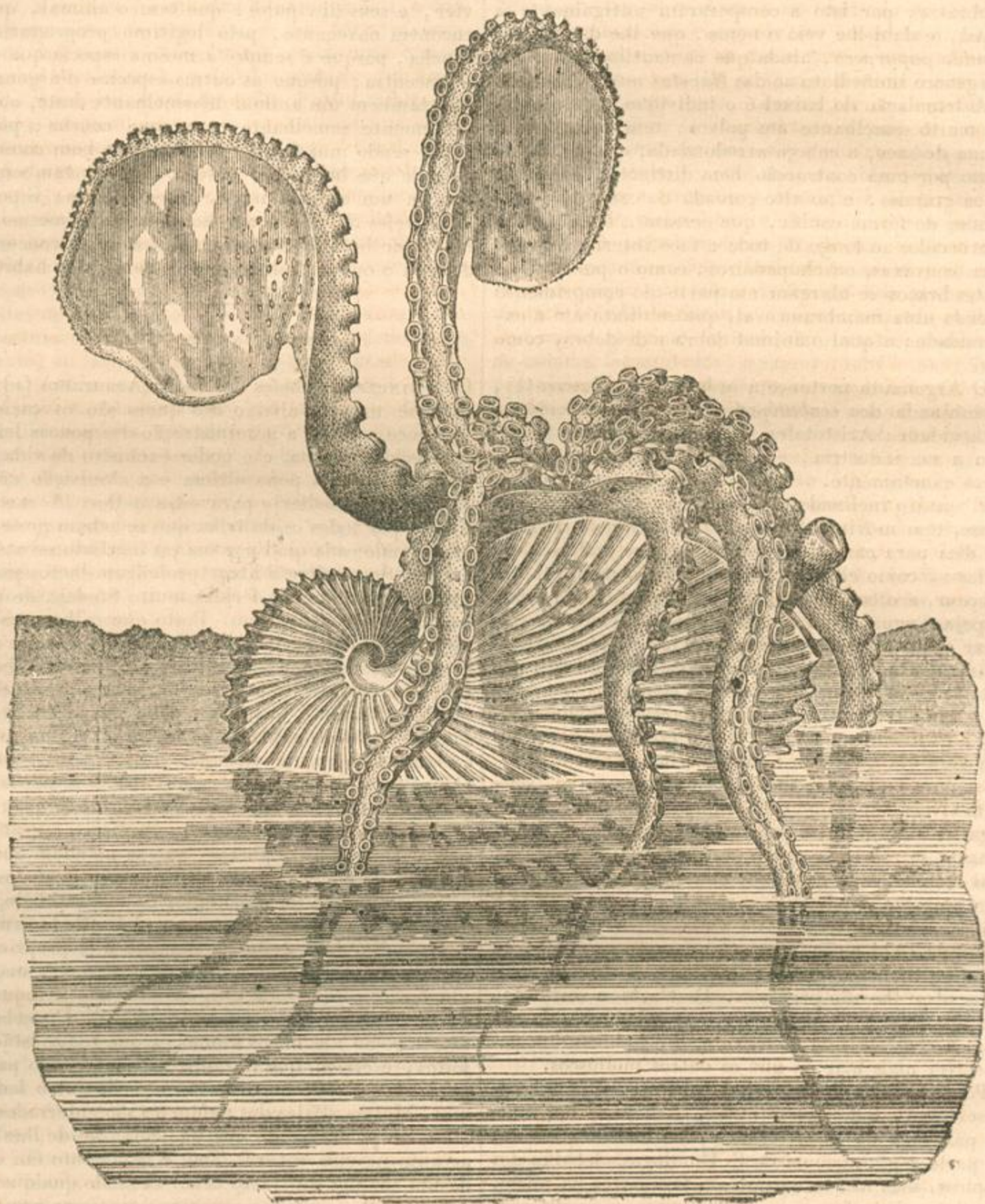
*La Statistique*, periodico francez, dedicado a colligir factos interessantes sobre materias estatisticas, contém varias particularidades relativas á extensão de superficie que, em diversos paizes da Europa, está cuberta de bosques, e produz os pastos: deduz-se das observações apresentadas naquelle periodico que na Alemanha, Suecia, Noruega, Russia, Bohemia, e Gallicia, o terreno occupado por selvas é um terço da superficie total: na Austria, na Prussia e na Illyria, um quarto: na Belgica e estados da Sardenha um quinto: na Suissa um sexto: nos Paizes Baixos um setimo: na França um oitavo: na Italia um nono: na Hespanha um decimo. O terreno de prados e charnecas de pastos, segundo o mesmo jornal, é um terço na Dinamarca, na Baviera e no ducado de Brunswick: um quarto na Austria propriamente dita, estados continentaes da Sardenha, na Styria e Illyria: um quinto na Prussia, na Hungria, na

[\*] Vide — Origens da typographia — no n.<sup>o</sup> 4 do Panorama.



Hollanda e na Belgica : um sexto na Suissa, na Bohemia, e no imperio d'Austria : um setimo em França, na Italia, na Escocia, no Wurtemberg, e no ducado de Baden : um oitavo no ducado de Hesse-Cassel : um nono na Moravia e no ducado de Nassau : um decimo no reino das Duas-Sicilias, em Portugal

e na Sardenha : um undecimo na Gallicia, na Lombardia e nas provincias venezianas : um duodecimo no Tyrol : um quadragessimio na Turquia europea : um quinquagessimio sexto na Russia da Europa : e na Hespanha apenas uma sexagessimio quinta parte do territorio é occupada por prados e pastagens.



O ARGONAUTA.

O ARGONAUTA. — [*Argonauta argo*. LIN.]

Todos sabem que nem só o homem é o ousado navegante, que atravessa os mares, e leva ao cabo dilatadas viagens; outros individuos do reino animal, guiados por seguro instincto, tambem se abalançam á mesma tentativa; e são notorias as emigrações de muitas aves, e as excursões dos cardumes de peixes. Não é porém destas duas numerosas classes, que per-

tendemos agora tractar. A nossa estampa representa um animal, a que vulgarmente chamarão marisco; portanto temos á vista um viajante de noya especie, e não qualquer nauta rude, mas perito, e consummado na sua arte. A sua embarcação é a concha, que os naturalistas chamam *Argonauta*, ou *Navela unicellular*; consta de uma só concavidade funda, e larga, e compoe-se de duas ou tres espiraes contiguas, formadas no mesmo plano, involvidas na ultima, que



é maior que todas juntas. A quilha, ou borda saliente ao longo do costado da concha, é toda estriada, ou guarnecida de dentilhões, unidos por pequenas rugosidades transversaes, que entre si deixam outros tantos sulcos. E' *univalva*, isto é, d'uma só peça; e de substancia tenue e flexivel, d'um branco baço, ás vezes acinzeirado, ou arruivado em certas partes; e é tão delicada que parece que o menor toque a quebraria; por isto a compararam antigamente a papel, e dahi lhe veio o nome, que lhe deram, de *Nautilo papyraceo*, ainda que os nautilos façam outro genero immediato ao das *Navetas multicellulares*.

A tripulação do baixel é o individuo, que o habita, muito semelhante aos polvos; tem o corpo em fórma de sacco, a cabeça arredondada, e separada do corpo por uma contracção bem distincta, com dois olhos grandes, e no alto coroada de compridos tentaculos de fórma conica, que cercam a boca, e são guarnecidos ao longo de toda a face interna de vesículas convexas, ou chupadoiros, como o polvo. Dois destes braços se alargam em parte do comprimento fazendo uma membrana oval, que se dilata até a extremidade; a qual o animal dobra e desdobra, como quer.

O Argonauta pertence á ordem dos moluscos [1], denominada dos *cephalópodes* [2]: foi conhecido na antiguidade; Aristoteles, Eliano, e Oppiano referiram a sua industria, e o naturalista romano a descreve exactamente.

E' muito inclinado a viajar, mas, como os da sua classe, tem movimentos tardios, e careceria de muitos dias para caminhar breve espaço se andasse, ou nadasse, como elles. Porém quando o mar está bonançoso, e o ceu sereno, sóbe á superficie do mar, despeja d'agua a sua concha, e a põe leve para fluctuar sobre as ondas, como uma barca. Desembaraça seis dos tentaculos, ou pernas, estendendo tres por cada lado do seu navio, fazendo com elles o mister de remos: ergue os outros dois, largos e membranosos, e expondo-os ao vento, lhe servem de vélas: assim voga em quanto a navegação lhe apraz, dirigindo-se para onde quer mediante os remos, que, sendo flexiveis, supprem vantajosamente um leme. Se as vagas se alborotam, e presagiam tormenta, ou o Argonauta se receia de outro perigo, amaina as vélas, e as recolhe com os remos dentro do seu batel; e com prompto movimento o submerge, deixa-se ir a pique, e vai abrigar-se na areia entre os rochedos do fundo. Ahí permanece até que a tempestade, ou o perigo tenham passado; e renova a viagem se os elementos lhe são propicios. Dest'arte o instincto, que lhe doou a Providencia, e as proporções da sua casa, o constituiram navegante, e o habilitaram para correr mais mar do que os outros molluscos.

Pouco se sabe dos outros habitos deste animal, ignora-se como, e de que se nutre. Acham-se em muitas paragens do Mediterraneo, no mar das indias, na parte septentrional de S. Domingos, debaixo dos tropicos, mas não se encontram nos mares do norte. Um naturalista francez, que atravessou o mediterraneo, teve occasião de vêr centenaes d'Argonautas manobrando junto ao navio, mas não pôde apanhar um só, que tão attentos são em observar quanto se passa, e em se esquivarem á mão, que pertende colhe-los.

Já Aristoteles tinha observado que o animal do Argonauta não está pegado á concha; facto extraordinario, que, sendo reconhecido veridico pelos modernos, suscitou uma discussão scientifica, já um tan-

to velha, mas que ainda não findou completamente. Muitos affirmam que o morador desta naveta é uma especie de polvo, que della se apossa achando-a vazia, e que o verdadeiro dono e constructôr ainda não é conhecido. Não é do plano da nossa redacção produzir as rasões pró e contra, e alargarmo-nos sobre este assumpto, mas, se nos é licito emittir a nossa humilde opinião, declaramo-nos pelo abalisado Cuvier, e seus discipulos, que tem o animal, que se encontra navegante, pelo legitimo proprietario da concha, porque é sempre a mesma especie que nella se encontra; porque as outras especies d'argonautas tem tambem um animal dissemelhante deste, e constantemente semelhante na mesma concha; porque esta, sendo mui fragil, está sempre bem conservada inda que habitada; porque as novas tambem encerram um animal novo, e semelhante; e porque Aristoteles descreveu excellentemente o mesmo animal, que hoje se encontra nesta concha, concordando com o que actualmente se sabe de seus habitos.

#### ABORIGINES DO CHILI.

OS PRINCIPAES chefes dos indios Araucanos [\*] chamam-se toquis, abaixo dos quaes são os caciques. Pertence a estes a administração das poucas leis estabelecidas que ha, e o poder exclusivo de vida e de morte. Entre a pena ultima e a absolvição não ha castigo intermediario para estes indios. A execução é feita por todos os da tribu que se acham presentes, alanceando cada qual por sua vez o criminoso até que expire. Se o crime é atroz prolongam-lhe os padecimentos, não fazendo feridas muito fundas, de modo que lh'os não abbreviem. Posto que os homens possam ter muitas mulheres, o adulterio é entre elles considerado como o crime mais odioso, e ambos os culpados ficam sujeitos á morte; mas a peditório do marido offendido, a mulher póde ser perdoada, ficando contudo banida da sociedade. Tres ou quatro caciques formam um tribunal, e basta uma testemunha pró ou contra o accusado; mas nem por isso se crea que este povo tem aquella idéa de honra, que tal lei parece indicar. Tem tambem os araucanos os seus videntes ou prophetas, que se mandam chamar em caso de doença, para adivinharem qual dos inimigos do doente foi o causador da enfermidade, e aí daquelle que o propheta nomea, se é colhido ás mãos!

Os indios desta tribu se chamam a si proprios *Filhos do Sol*, e rendem culto a este astro pela manhã e á tarde, com genuflexões e resas; não se esquecendo de adorar a Lua, quando é visivel. Concebem a morte como um longo somno, a que todos estão sujeitos, e creem que durante este intervallo passam para um paiz de bemaventurança do outro lado do mar. Muitas alfaias dos defunctos são enterradas com elles, na persuasão de que não deixarão de lhes fazer arranjo na vida futura. Tem o casamento em conta de um simples contracto civil. Quando qualquer homem escolhe qualquer rapariga para casar com ella, começa por tractar com os parentes, que, se convem nisso, se ajustam com o pretendente em certo numero de cabeças de gado, e outros presentes, segundo as possibilidades d'elle, e sem consultarem a vontade da indicada noiva. Apraza-se então um dia, em que venha o esposo eleito, de noite, e com uns poucos de amigos, para a levar como roubada. Começa-se nessa noite uma briga simulada, entre os dois bandos [o dos parentes da noiva, e o dos companheiros do noivo], o qual, usualmente, dura tres dias, sain-

[1] Vide a nota a pag. 33 n.º 5 deste Jornal.

[2] Os de cabeça livre coroada de tentaculos, ou pernas.

[\*] Veja-se o que já apontámos ácerca dos araucanos no artigo — Pampas — do n.º 13 do Panorama.



do no fim victorioso o noivo, como era de esperar, e levando o seu bando prisioneiros os contendores, que são retidos alguns dias, com banquetes e folias. E' permittida a polygamia, tanto quanto qualquer homem quer, uma vez que tenha meios de comprar e sustentar mulheres: mas não póde pôr nenhuma fóra em caso algum, salvo por caso de infidelidade, ou por mutuo consentimento. Sendo por este ultimo motivo, a mulher é restituída aos seus parentes, com os mesmos presentes que haviam sido feitos na occasião do casamento. As solteiras usam uma enfiada de contas vermelhas á roda dos pulsos, que tiram quando casam, começando então a usar enfeites no cabello e nas orelhas.

Trocam os seus pannos de laãs [que é quasi o unico objecto em que mercadejam, excepto gado], por sal, anil, e velorios. As suas armas consistem em grandes clavas de pau, fundas, e lanças de vinte e quatro a vinte e oito pés de comprido, feitas de bambú, com as pontas de ferro — arma pouco meneavel, mas que elles jogam com grande destreza.

Antes de comerem ou beberem teem os araucanos por costume metterem por tres vezes o dedo index no prato, ou taça, sacudindo-o outras tantas sobre a cabeça, tendo sempre a cara voltada para o sol; e são exactos nas suas abluções, ou lavatorios, antes e depois das comidas. Quando alguém morre não fazem prantos, nem mostram pena alguma, por crerem, segundo dissemos, que os defunctos passam para um mundo melhor. Os funeraes dos araucanos fazem lembrar os que nos descreveu Homero: os guerreiros são enterrados com as suas armas; sobre a cova sacrificam-lhes um cavallo, e depositam-lhes comestiveis; tudo arranjos para a viagem, segundo da sua crença se póde concluir.

Os pannos que os araucanos fabricam, e de que já fizemos menção, estimam-os geralmente na America para fazer os *ponchos*, de que fallámos no artigo dos Pampas: são estes pannos fortes, posto que finos, e tecidos de lindissimas cores. Outra industria, que tem este povo, é a de fazer louça. Tambem sabem extrahir ouro e prata de minas, e derreter estes metaes em certos cadinhos, feitos lá a seu modo.

A feição caracteristica do genio dos araucanos é o seu orgulho, que nunca lhes consentiu pedirem paz a ninguem, concedendo-a sempre aos que lh'a pediam. D'ahi nasceu serem elles os que mais difficil tornaram para os hespanhoes a conquista do Chili; e foram as sanguinosas guerras desta tribu com os europeus, que deram materia ao célebre poema castelhano intitulado — *Araucana* — do poeta-soldado D. Alonzo d'Ercilla.

A sua religião é simples. Teem um deus supremo [Pillan] a quem estão sujeitos outros deuses que presidem a diversas cousas, como ao bem, ao mal, á guerra, &c. Além de admittirem a immortalidade da alma, teem o seu Caronte femea, que é certa velha [*Tempulagy*] que transporta as almas pelo mar para a banda de oeste, onde jaz a morada da eterna bemaventurança.

#### A ABSTINENCIA.

A HISTORIA do veneziano, Luiz Cornaro, é geralmente conhecida. Cornaro era um homem dissoluto que, chegado aos quarenta annos, achou que tinha appressado muito os dias da vida, e se determinou a seguir os conselhos dos medicos, e a tomar um modo de vida mais temperado. Foi diminuindo a quantidade de sustento até que chegou a reduzir a sua comida diaria a meia-gema de ovo, e com esta rigida ab-

stinencia restaurou por tal modo o principio vital, que viveu cem annos. Um caso mais recente de abstinencia igual se refere nas Transacções do Collegio dos Medicos de Londres.

Thomaz Wood, moleiro de Billericay no Essex, estava no costume de comer vorazmente carne gorda tres vezes por dia, além do que tragava grandes porções de manteiga, queijo, e cerveja da mais forte. Por muito tempo nenhum mau resultado sentiu desta glotonaria; mas chegando aos quarenta e quatro annos começou-se-lhe a perturbar o somno, a ter contínua sede, a sentir o animo abatido, e muitos outros symptomas maus. O mais terrivel era faltarlhe a respiração, ordinariamente depois de comer. Durante um anno foi cada-vez a peor, até que um clerigo seu visinho lhe emprestou a vida de Cornaro. Leu-a o moleiro, e ficou persuadido a mudar de vida; mas fe-lo gradualmente. Limitou-se, no principio, a uma garrafa de cerveja por dia, e foi se deixando de comer carne. Immediatamente melhorou alguma cousa; por isso, no fim de dois mezes, reduziu a bebida de cerveja a metade, e ainda mais se absteve de alimento animal; dahi a pouco deixou-se de bebidas fermentadas; e passados dois annos já não provava nem carne, nem queijo, nem manteiga, nem liquido algum, salvo os que tomava como remedios. Depois desta epocha o seu sustento consistia principalmente em pudim feito de bolaxa de embarque.

Com este mesquinho alimento, que já pelo habito, lhe sabia bem, sarou inteiramente: dormia descansado, andava alegre, e tinham-lhe augmentado tanto as forças, que pegava em pezos, que nem bolaria, quando tinha trinta annos. A voz lhe enfraquecera; mas com a dieta se tornou firme e sonora. Em fim, segundo elle mesmo dizia, estava metamorphoseado de monstro em uma pessoa de volume moderado; e a sua situação de velho decrepito, na de um mancebo vigoroso e activo.

Uma circumstancia mui notavel deste homem, que tamanhas provas dera de bom juizo e preserverança, era o pouco tempo que dava ao somno: deitava-se ás oito da noite, e alevantava-se á uma ou ás duas de ante-manhã. Depois de elle andar seis horas [diz o Dr. Baker] lhe examinei por tres vezes o pulso, ás dez horas da manhã. As pulsações andavam por 45 cada minuto, isto é, menos 25 ou 30 do que as do pulso de uma pessoa no estado ordinario de saude.

O mais extraordinario é, que Wood se tinha abstinido de toda a casta de liquidos, do que não ha outro exemplo bem provado, o que nos deve persuadir de que a mesma agua não é absolutamente necessaria para a vida.

#### CASAS DE CORRECÇÃO EM AMSTERDAM.

UMA das curiosidades desta celebre cidade são os castigos correccionaes. Ha ahi um logar chamado *Rasphuis*, onde os criminosos, cujo crime não é de morte, são empregados em serrar pranchas de madeira; e quando são indolentes, ou recusam trabalhar, fecham-os n'uma especie de cella, em que corre agua, de modo que ou se hão de affogar, ou dar constantemente a uma bomba que alli ha para despejar a agua; raras vezes, porém, ha necessidade de recorrer a este expediente para os compellir a trabalharem. O *Spinhuis*, ou casa dos trabalhos forçados, é um estabelecimento muito singular. Neste edificio uma parte é destinado para mulheres, cujas culpas não são mui graves, e a outra para as que foram condemnadas por crimes mais serios. Estão apartadas restrictamente umas das outras, e é muito di-



verso o modo porque são tractadas; mas todas as empregam em obras de utilidade. Raparigas de familias distinctas, e até nobres, são mandadas para alli, em consequencia de mau procedimento, ou de culpas domesticas, e obrigam-as a vestirem-se com certo vestuario particular, e a trabalhar umas poucas d'horas por dia. Os maridos, que teem motivos de queixa de suas mulheres, podem manda-las para o *Spinhuis*, a fim de que se habituem a costumes mais bem ordenados; mas, por outro lado, a mulher que apresentar uma queixa, bem provada, contra seu marido, por mau procedimento, arranja-lhe de certo um quarto naquelle espaçoso edificio, que dá para tudo, e em que tambem se mantem e educam muitissimas creanças pobres.

Os SECTARIOS da religião bramanica teem um respeito extremo aos animaes, e nenhum ousariam matar, ainda dos mais nojentos e damnosos. Provém isto da crença, em que estão, de que as almas transmigram passando do corpo de qualquer homem, que morre, para o de algum animal. Eis um facto acontecido a um viajante portuguez, que se embarcou da India para a Persia em uma náu de mouros, em que iam tambem varios gentios do Malabar. Po-lo-hemos aqui pelas proprias palavras do escriptor.

Estes negros gentios foram os que nesta viagem me deram mais pena, que todos os incommodos della: porque, como estivessem arranchados juncto ao logar em que eu dormia e passava todo o dia, no castello da popa, por a náu não ter camarotes nem cubertas de vago, e elles, por lei do seu Rama, não possam matar cousa alguma viva, quantas sevandijas tiravam de si botavam na minha cama, havendo que lançalas no mar era affoga-las, e ficarem irregulares; com o que me vi inçado destas sevandijas, e tão desesperado, que não podia dormir de noite. Quando as não lançavam em mim immediatamente, punha-as muito á de leve no chão, para que não quebrassem alguma perna, e do chão me subiam á cama, que nelle estava. Dava-lhes eu garrote diante dos idolatras, para ver se por evitarem aquellas mortes, iam mais longe espiolhar-se; porém elles se desculpavam com dizerem, que aquelle sangue viesse sobre mim; que elles não intentavam a morte, mas a vida dos que em mim botavam: e assi fiquei padecendo sem remedio. Era cousa muito para ver estar-se um destes catando, e botando os viventes, que achava, no vizinho mais chegado, sem o outro lhe fugir com o corpo, nem se enfadar disso. Dizia o Persiano, meu companheiro, que não vira sevandijas mais bem afortunadas que as dos gentios. — *Godinko: Viagem da India a Portugal por terra.*

A REPUTAÇÃO dos portuguezes na India ainda era mui grande no principio do seculo 17.<sup>o</sup> — Equebar, imperador mogol, que reinava em 1602, e que tinha feito grandes conquistas no Indostão, desejava sobre maneira assenhorear-se de Goa. Fallando uma vez com os cortezaõs ácerca de conquistas, disse, que em se vendo senhor do Decan, sugearia o Idalcão, e viria tomar Goa. Um soldado portuguez, que havia fugido das nossas possessões para elle, e que acertou andar na sua côrte, lhe pediu então licença para fallar: deu-lha elle, e o portuguez lhe disse em lingua persea: “Senhor, V. A. falla muito seguro, e isso que diz chamam na minha terra fazer a conta sem a hospeda. Se V. A. tem os portuguezes em tanta reputação, como diz que os tomará tanto a seu salvo; porque, ainda que elles fossem gallinhas, haviam-no de picar?” — Respondeu a isto o mogol: “Eu não quero vir com elles ás mãos, mas quero-os

tomar á fome”: ao que tornou o soldado: “Senhor, V. A. está concertado com os portuguezes: porque elles tambem dizem que o hão-de tomar á sede.” — *Guerreiro: Relação das Missões de 1601.*

*Caldo negro dos espartanos.* — A comida entre os espartanos mais estimada, era o que elles chamavam *melas zomos*, ou caldo negro, nome que por muito tempo excitou a curiosidade dos eruditos. Quaes eram os ingredientes, de que este guizado se compunha, é cousa que ainda até hoje se não pôde exactamente averiguar. Lembra-nos aqui o caso de um antigo viajante que vendo no oriente, pela primeira vez da sua vida, o caffè preparado para se tomar, conjecturou que esta bebida era o caldo negro dos lacedemonios! Julio Pollux, mestre do imperador Commodo, no seu *Onomasticon*, diz que este famoso guizado consistia em sangue engrossado com alguma outra mistura, ou por algum modo particular. O Dr. Lister nas suas notas ao Tractado de Cosinha d'Apicio, supõe que era sangue de porco; e se assim é, devia ser cousa algum tanto parecida com os chouriços mouros, entre nós usados. Fosse o que fosse, parece que não era cousa muito saborosa: um sybarita, tendo-o provado, declarou que já não se admirava de que nas batalhas os espartanos mostrassem tão pouco medo da morte; porque qualquer delles que estivesse em seu juizo, antes quereria soffrer mil mortes, do que continuar a viver com tão abominavel comida.

Refere Plutarcho que um rei do Ponto, ouvindo fallar deste celebre caldo, chamara um cosinheiro lacedemonio para lh'o fazer. Mas logo que o provou, com as mais violentas expressões declarou que era manjar detestavel, ao que atalhou o cosinheiro, dizendo-lhe: “Senhor, para este guizado saber bem a qualquer, é preciso tomar primeiro um banho no Euerotas” — querendo com isto dar a entender, que os costumes asperos e bravios dos espartanos eram quem lhes fazia achar saborosa esta grosseira e ruim comida. O mesmo escriptor nos informa de que os velhos de Esparta gostavam tanto do tal caldo negro, que ao jantar [o qual por lei era commum e publico] se punham todos a uma parte das mesas para o tomarem á sua vontade, deixando aos moços o resto da comida, os quaes provavelmente não levariam muito a bem esta golodice dos velhos.

*Cumprimento dos insulanos de Gambier.* — O modo que estes ilheos teem no saudar qualquer pessoa, é pegar no nariz, ou esfrega-lo, no que ha differentes graus de civilidade, ou de signal de amizade: por exemplo, puxar pelo septo [divisão das ventas] reter a respiração, demorando o contacto por alguns segundos, e dar depois um desagradavel ronco, corresponde a um forte apertar de mãos. Tivemos que fazer esta desagradavel cerimonia, por mais de cem vezes, e de soffre-la outras tantas. — *Diario de uma viagem de descobrimento.*

*Modos de restabelecer o brilho dos vidros embaciados pelo tempo, ou por outra causa.* — Limpam-se perfeitamente as vidraças, copos, e crystaes, quer com um pouco de cré, desfeito em vinagre diluido em agua, e esfregando depois com um ou muitos pannos, quer com uns pedacinhos de maçã raineta, pellados, e tão delgados, que a fricção os possa facilmente reduzir a polpa.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Arsenal  
N.<sup>o</sup> 55 = 1.<sup>o</sup> andar.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.